

Entre monumentos e documentos: Reflexões sobre os tombamentos de Cáceres- MT

RACHEL TEGON DE PINHO*¹

Pensar a cidade, revirar a cidade, percorrer a ocupação de uma povoação é algo que o historiador pode realizar de inúmeras maneiras, no caso deste trabalho, privilegiamos percorrer a parte que a mesma é exterioridade e que está inscrita em muitas de suas edificações, traçado de ruas, travessas e praças e em algumas de suas práticas.

Cáceres-MT, cidade fundada no final do período setecentista é o local escolhido neste trabalho para pensar sobre os desdobramentos dos tombamentos realizados na cidade, em datas distintas e que ao nosso ver possui variações significativas.

A cidade, localizada na região sudoeste de Mato Grosso, fronteira com a Bolívia, foi fundada como núcleo urbano no final do século XVIII (06/10/1778) motivada por razões geopolíticas, considerando a necessidade da coroa portuguesa de povoar a porção oeste da antiga Capitania de Mato Grosso a fim de assegurar seus domínios de exploração. Tais domínios, que foram motivos de constantes disputas entre as Coroas de Portugal e Espanha desde a assinatura do Tratado de Tordesilhas, tratado este retificado em 1750 por meio do Tratado de Madri, simbolizado pelo Marco do Jauru, monumento fabricado em Cadiz-Espanha, e assentado originalmente na foz do Rio Jauru em 1754.

Ainda na fundação de Vila Maria do Paraguai (denominação atribuída à localidade por Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em homenagem a Rainha de Portugal D. Maria I) foi definido o plano urbano ortogonal, cujo modelo traduzia a racionalidade iluminista em voga e que configura em exemplar singular se considerarmos que até fins do século XVIII as povoações de ocupação lusitana se caracterizaram por um modelo denominado por Sergio Buarque de Holanda, como “semeador”.

Seguindo a mesma lógica racionalista, o desafio de povoar uma localidade que não possuía “atrativos” como ouro ou diamante, foi superado com a instalação de 78 (setenta e oito) casais de Chiquitanos, atraídos para a região por Luis de Albuquerque, cuja permanência demandou a instalação da Fazenda Real de Caiçara, às margens do rio Paraguai, para prover o abastecimento de gado vacum dos novos moradores.

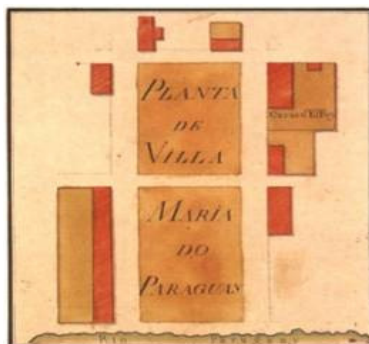
¹ Professora Assistente da Universidade do Estado de Mato Grosso. Coordena Projeto PIBID em História, financiado pela CAPES.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Ao contrário dos demais núcleos populacionais instalados pela Coroa Portuguesa no período colonial, a paróquia não foi erigida concomitante a fundação de Vila Maria, isso só ocorreu posteriormente e mais uma vez contrariando a tradição lusitana, a padroeira escolhida por Luis de Albuquerque, Nossa Senhora, foi destituída, e em seu lugar, tornou-se padroeiro São Luís.

A partir da fundação de Cáceres gradualmente várias construções foram introduzidas no entorno do plano urbano, com a adoção de tipologias e estilos arquitetônicos variados como: colonial, neoclássico, eclético e art decó nos períodos correspondentes ao final do séc. XVIII, final do séc. XIX e primeira metade do século XX “salpicando” de edificações, suas ruas, suas travessas, seus largos, cujos nomes ainda permaneciam inalterados em 1888 desde a época colonial, evocando sentimentos ou indicando a localização de algum ponto importante ou endereço de alguém e que podem ser compreendidos como

[...] palavras da cidade, as designações que identificam os espaços e fazem deles um lugar revelam o pitoresco das socialidades da época... Românticas ou pitorescas, cômicas ou enigmáticas, as primeiras designações dos espaços urbanos nos falam das vivências de uma pequena comunidade com os seus hábitos [...]²

Tal qual a Rua da Manga, pela existência durante muito tempo de um Mangueiro, com grande número de porcos e que não eram criados apenas neste local, como também nos quintais de muitas residências ou ainda soltos pelas ruas; ou a Rua Nova, por causa das muitas moças moradoras da mesma rua. Enigmas ainda não revelados sugerem perguntar que

² PESAVENTO, Sandra Jatahi. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano (...)* 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002 p. 252.

coordenadas os moradores utilizavam para, numa cidade absurdamente plana, designar qual seria a Rua de Cima, ou a Rua de Baixo.

Mas essas “palavras da cidade” de um período anterior encontravam-se com outras, batizadas no período recente e que aludem a fatos, acontecimentos e pessoas que se deseja personificar, tais como: Rua João Pessoa, 13 de Junho, 15 de Novembro, Sabino Vieira, Antônio Maria, Avenida 7 de Setembro, Praça Barão do Rio Branco, e muitos outros. Vê-se de imediato que se já não é uma outra cidade, já se trata de uma cidade imaginada bem diversa da primeira; são outras as expectativas que se têm dela. Estes nomes se reportam, na sua maioria, à Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai e passam, a partir de então, a se constituir como uma das marcas que a cidade carrega a exemplo de Cuiabá, a capital de Mato Grosso.

A partir do final do século XIX, edificações em estilo neoclássico e eclético se espalharam por novas ruas e avenidas que foram abertas à medida que a povoação aumentava, seguindo várias direções, muitas delas relacionadas tanto com as atividades econômicas, quanto com as rotas de escoamento de pessoas e cargas.

Neste período Cáceres ocupava papel de destaque na economia de Mato Grosso, considerando sua localização, às margens do Rio Paraguai, e atraiu investimentos consideráveis, sobretudo no comércio de produtos de exportação e importação de gêneros variados realizado por Casas Comerciais instaladas na cidade e que produziu a emergência da elite local.

Azeites, tecidos, ferramentas, materiais de construção, artigos de luxo, pessoas, ideias...o leque de “produtos” que desembarcaram em Cáceres nas inúmeras Lanchas, Paquetes e Vapores que atracavam no cais do porto, era bem diversificado e em pouco tempo, a paisagem citadina se transformou, como também práticas sociais foram adotadas, assim como outras tantas foram abolidas.

O crescimento econômico de alguns moradores, negociantes da cidade, contemplaram a introdução de residências que atestassem a condição social de seus proprietários.

Tanto o plano urbano embrionário, quanto muitos exemplares das edificações construídas em tipologias e estilos acima mencionados em pleno início do século XXI encontram-se relativamente preservados e foram relevantes para deliberação de seu tombamento tanto

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

municipal e estadual (década de 90 com o tombamento de 48 edificações- e centro histórico em 2002) como o tombamento federal de seu centro histórico em 2010.

A partir desses tombamentos, a começar pelo tombamento do Marco do Jauru realizado em 1978 pelo IPHAN, Rubens Gomes Lacerda (2011) observa que ocorreu uma disseminação do uso de símbolos como o próprio Marco, com significados e usos bem diversificados e que resultaram numa grande confusão em torno de palavras-conceitos bem distintas como memória e história. Distinções estas bastante debatidas no campo historiográfico nos trabalhos de Jacques Le Goff, Pierre Nora, entre outros. Afinal, a pirâmide feita com mármore de Lioz e que inicialmente tinha a função de demarcar os limites de ocupação das coroas de Espanha e Portugal, andou muito desde 1754, data em que cruzou mares e que foi instalada na foz do Rio Jauru, num local sem povoamento e foi graças a isso que o monumento não foi destruído em 1766 quando as coroas ibéricas anularam o Tratado de Madri. Mais de um século se passou até que em 1866 Antonio Maria Coelho determinou a remoção do Marco para o Largo da Matriz (atual Praça Barão do Rio Branco) onde o mesmo se encontra até hoje, apesar de ter sido assentado em lugares distintos da mesma praça, pelo menos por três ocasiões.



Também é possível afirmarmos que o tombamento de 48 edificações realizado na década de 90, que privilegiou edificações neoclássicas e ecléticas em detrimento de outras tipologias como a colonial (dessas apenas 2 edificações foram tombadas) e art decó, corroborou para monumentalização da cidade, numa tentativa de preservar um período áureo da economia local, quando Cáceres foi considerada a terceira maior e mais próspera cidade de Mato Grosso no final do século XIX e início do século XX, através da sua condição de segundo maior entreposto comercial do estado.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Os tombamentos realizados em 2002 e 2010 respectivamente, ao designarem como digno de preservação o chamado “centro histórico” e não mais apenas edificações isoladas, como nos tombamentos anteriores, de certa forma corrigiram a tendência de monumentalização que mais excluiu do que preservou. Contudo, tais tombamentos foram medidas pontuais, desprovidas de outras ações que contribuíssem para o esclarecimento junto a população da importância e relevância do conjunto tombado e, sobretudo, para explicitar as distinções entre memória e história, entre outras.

É exatamente no processo de produção historiográfica que podemos perceber também as distinções entre monumento e documento tal qual Jacques Le Goff (1996) nos apresenta, ao demonstrar que à memória coletiva e à história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolhidos pelo historiador. O monumento tem como traço característico o de ligar-se ao poder de perpetuação de forma voluntária ou involuntária das sociedades históricas, enquanto que o termo documento, que teve seu sentido ampliado a partir dos fundadores da Escola dos Anais ao considerarem que o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado e sim um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham poder o que implica uma compreensão de documento bem distinta daquela aplicada ao monumento e é a partir destes conceitos que chegamos a questão da cidade e seu patrimônio.

Em se tratando de patrimônio percebe-se que há uma confusão quase que generalizada em relação as distinções entre memória e história e monumento e documento, confusão esta que tornam-se questão relevante para os pesquisadores que transitam por esses campos, em especial, os historiadores.

Na cidade de Cáceres-MT, que teve seu centro histórico tombado pelo IPHAN em 2010, e tombamento estadual em 2002, constata-se a utilização destes termos com certa regularidade a partir do seu tombamento estadual, sobretudo, nas atividades escolares realizadas em datas comemorativas e fica evidenciada a necessidade de explicitar as distinções conceituais a fim de possibilitar a maior compreensão a respeito do seu patrimônio e tudo que envolve esta noção como seu plano urbano, as especificidades de seu conjunto arquitetônico e, sobretudo, as relações que dizem respeito as suas memórias e histórias.

Outro fator que pode acentuar as dificuldades em relação à compreensão do conceito de memória e de história é a ausência de ações de educação patrimonial e a baixa divulgação dos

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁ

resultados de pesquisas sobre Cáceres. Tais dificuldades têm também como consequência o distanciamento e/ou indiferença da maioria dos munícipes em relação a essa espacialidade. Dessa forma, torna-se necessário a divulgação dos resultados obtidos com a pesquisa científica, assim como a metodologia e referenciais teóricos utilizados em vários trabalhos. Com isso a divulgação e avaliação destes trabalhos pela comunidade escolar, cujas escolas localizam-se tanto na região do centro histórico, como no seu entorno, tornam-se necessárias para validar os resultados já obtidos e levantar possíveis problemas a serem estudados em novas pesquisas.

A apresentação dos resultados da pesquisa poderá minimizar os equívocos conceituais e constituem em canteiros férteis para serem utilizados na rede básica de ensino e também podem auxiliar na identificação de novas demandas de estudo.

Além disso, existe a necessidade de uma maior integração e participação ativa da comunidade acadêmica do curso de história, com os professores e alunos da educação básica a fim de contribuir significativamente para a formação técnico-científica, cultural, social e pessoal dos estudantes e futuros historiadores.

No campo da história, nas últimas décadas, com a criação e proliferação de cursos de graduação e pós-graduação em história, constata-se um aumento significativo de trabalhos que privilegiam o estudo da chamada história regional como observou João Edson de Arruda Fanaia (2011).

Estes trabalhos, resultados de pesquisas acadêmicas, cujos aportes teóricos e bases empíricas são bem diversificados e que privilegiam o estudo de cidade como é o caso da coletânea de artigos História e Memória. Cáceres (2011), além de teses e dissertações, que poderão contribuir para retirar as camadas sobrepostas da cidade no que diz respeito tanto as suas histórias, quanto às suas memórias, trabalhos estes que necessitam ser divulgados principalmente na rede básica de ensino.

Assim, pretendemos com este projeto divulgar os resultados de pesquisas científicas sobre a História de Cáceres e enfatizar a importância do seu conjunto arquitetônico para a memória e história local junto aos professores e alunos da rede básica de ensino, como também fomentar a criação de grupo de estudos para discutir textos e ações do projeto; com o objetivo de apresentar aos professores de História da Educação básica do município de Cáceres os resultados de pesquisas acadêmicas realizadas cujo tema central privilegia a cidade de Cáceres e questões relacionadas a sua memória e história e finalmente proporcionar

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

intercâmbio entre pesquisadores, professores e acadêmicos em torno de pesquisas e ensino relacionados a temática da cidade;

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

ARRUDA, Adson. Imprensa, vida urbana e fronteira: a cidade de Cáceres nas primeiras décadas do séc. XX (1900-1930). Dissertação de Mestrado em História. PPGHIS/ UFMT, 2002.

CASTRILLON, Maria de Lourdes Fanaia. O governo local na fronteira oeste do Brasil: A Câmara Municipal de Villa Maria do Paraguay 1859-1889. Dissertação de Mestrado em História. PPGHIS/UFMT, 2006.

CHAVES, Otávio R., FIGUEIREDO, Elmar (orgs). História e memória de Cáceres. Editora UNEMAT, 2011.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. Os belgas na fronteira oeste do Brasil. Brasília. Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4.ed. Campinas:Unicamp, 1996.

MORAES, Maria de Fátima Mendes Lima de. Vila Maria do Paraguai: um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste (1778-1801). Dissertação de Mestrado em História. PPGHIS/ UFMT, 2003.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares", In: *Projeto História*.

São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.

Revista Brasileira de História, Vol.27. n°53.

PECHMAN, Robert Moses. Cenas, algumas obs (cenas) da rua. Fractal. Revista de Psicologia, v 21, n°2, p.351-362. Maio/agosto 2009.

PINHO, Rachel Tegen de Pinho. Cidade e Loucura. Cuiabá-MT: Ed. Entrelinhas e EdUFMT, 2007.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Nos jardins do tempo: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. Revista História e história. UNICAMP, 2004. Disponível em:www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=11

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 2004.